

Tiago Schultz Cortes
Freire Ramos



XANGAI, UMA INFLEXÃO NO FAZER URBANO CHINÊS

118

pós-

RESUMO

Este artigo trata da experiência de gestão urbana da cidade de Xangai desde a abertura econômica da República Popular da China, em 1978. As políticas urbanas desenvolvidas nesse contexto podem ser consideradas como um conjunto de métodos utilizados para difundir o recente fenômeno da hiperurbanização na China continental. Abordaremos este processo de formação de um novo modelo urbano asiático a partir da produção e venda de imagens espetaculares dentro da lógica do *city marketing*, compreendida através de processos como o da *xintiandização* em diversos bairros em Xangai e em muitas outras cidades chinesas e da construção e venda do ideal de modernidade chinês através das ações e projetos urbanos na região do Pudong.

PALAVRAS-CHAVE

Urbanização chinesa. Hiperurbanização. Modelo urbano. Xangai.

SHANGHAI, AN INFLECTION IN THE CHINESE URBAN MAKING

pós- | 119

ABSTRACT

This article examines the urban management experience of the city of Shanghai since the economic opening of People's Republic of China in 1978. The urban policies developed in this context can be considered as a set of tools that the Chinese Communist Party applies to the country's urbanization project, to spread the recent Chinese hyper-urbanization phenomenon. This paper addresses this process of forming a new Asian urban model through the production and sale of spectacular images inside the logic of *city marketing*, understood through processes such as the *xintiandization* of many neighborhoods in Shanghai and in other Chinese cities, as well as the construction and urban planning of the Pudong area with the goal to sell the idea of modernization in China.

KEYWORDS

Chinese urbanization. Hyper-urbanization. Urban model. Shanghai.

INTRODUÇÃO

¹ A experiência de gestão urbana através de modelos de planejamento estratégico foi abordada na publicação do livro *Cidade do Pensamento Único* (2000), um estudo em torno da “venda da cultura” dentro de uma lógica de *city marketing* urbano. Segundo Arantes (2000), o “gerenciamento” passou a ser o jargão dentro do vocabulário urbanístico, uma novidade que ressuscitou o termo planejamento na “animação urbana” promovida entre burocratas, governantes e urbanistas para que as cidades se tornassem competitivas globalmente. Este planejamento visou sobretudo inserir as cidades em uma rede urbana internacional, um verdadeiro mercado de ações, em que a imagem serve de atração de mais capital estrangeiro. Ainda segundo a autora, o modelo de gestão urbana empresarial, ainda embrionário no contexto europeu em que o Estado Social esteve presente, só se consolida no contexto americano onde a parceria entre o setor público e a iniciativa privada tornou a cidade “uma máquina de produzir riqueza”. Desta forma a cidade-emprego passou a ser gerida e consumida ela mesma como mercadoria.

² Socialismo de mercado é um sistema político-econômico que mescla características socialistas na área política com princípios da economia de mercado, que é quando a maior parte da produção econômica é gerada pela iniciativa privada. Os únicos países a seguirem o socialismo de mercado, atualmente, são China, Vietnã e Laos. O socialismo de mercado pode ser caracterizado pelo controle político através de partido único; controle social realizado pelo governo, através da censura e repressão aos opositores; controle de preços, salários e sindicatos e estímulos públicos voltados para o desenvolvimento econômico.

O interesse deste artigo está no entendimento das mudanças ocorridas na cidade de Xangai desde a abertura econômica promovida pelo Partido Comunista Chinês (PCCh) e nas relações que podemos estabelecer entre as experiências do *city marketing*¹ integradas à venda da cultura como vetor para alavancar a recente hiperurbanização chinesa, responsável pela manutenção da economia mundial desde a crise de 2008 (HARVEY, 2011). A “revitalização” do antigo bairro histórico de Xintiandi, em Xangai, foi pioneira neste processo e abriu caminho para diversos projetos repletos de referências às tradicionais edificações com portais de pedra (*shikumen*), dentre outras edificações pastiches compositivas. No Pudong (margem leste do Rio Huangpu), está o bairro de Lujiazui Business District, com sua aparência *high-tech* espetacular que parece oposta ao *pastiche* historicista do bairro de Xintiandi, mas ambos são face da mesma moeda no atual processo de espetacularização urbana contemporânea que vemos na China.

O artigo segue no entendimento de que Xangai é a cidade chinesa que melhor reúne as características da urbanização chinesa contemporânea. Esse conjunto de características é denominado neste artigo por “Modelo Xangai”, um modelo urbano em desenvolvimento no século XXI. O “Modelo Xangai” reúne parâmetros de urbanização empregados em grandes projetos de urbanização em toda a China continental. Esses parâmetros são compostos por reformas urbanas extremas, pela venda da ideia de modernidade nacional e internacionalmente, pela integração entre capital internacional e capital estatal e pela articulação entre modelo urbano e modelo econômico resultante do socialismo de mercado² chinês.

Entendemos que o estudo dos antecedentes deste novo modelo urbano e econômico em formação na China nos trará prováveis tensionamentos no campo da arquitetura e urbanismo, e indicará possíveis caminhos ao Urbanismo (em fim de linha?) e do que sobrou da Arquitetura em meio ao capitalismo em sua fase de globalização informacional e dissolução de fronteiras locais, regionais e culturais. A análise dos casos dos bairros xangaineses de Xintiandi (no Puxi) e Lujiazui (no Pudong) é paradigmática para entender a reinvenção do planejamento estratégico no contexto urbano chinês. Esse modelo urbano e econômico mostra a capacidade de adaptação das estratégias do capital mesmo em um sistema político e econômico socialista de mercado resultante da hibridização entre o socialismo e o Capitalismo Mundial Integrado.

XANGAI, UMA INFLEXÃO NO FAZER URBANO CHINÊS

A cidade de Xangai está situada na foz do Rio Yangtzé, um dos principais rios da China, que corta o país de leste a oeste e passa por regiões de grande importância econômica no transporte e fluxo de mercadorias. Como resultado do impulso governamental, o estudo do processo de urbanização da cidade de Xangai se tornou fundamental para compreender os parâmetros de urbanização “Modelo Xangai”, utilizado como modelo-propulsor da modernização da China continental. O caso de Xangai se tornou paradigmático para entender a

hiperurbanização chinesa, já que reúne as características das primeiras Zonas Econômicas Especiais (ZEE) da região sul do país (o Delta do Rio Pérola) associadas às reformas urbanas extremas e ao embelezamento estratégico e museificação do centro “histórico”, identificado pelo PCCh como um modelo urbano desejável para o resto do país.

Não é por acaso que Xangai foi escolhida pelo PCCh como o laboratório de criação para o modelo urbano a ser seguido pelo resto da China. Já no século XIX, a cidade era identificada como um centro cosmopolita e tinha o porto mais movimentado do país. Em diversos momentos da história, a cidade de Xangai foi considerada por chineses de outras partes do país como “pouco chinesa”, mesmo antes das concessões internacionais do século XIX, que hibridizaram a antiga cidade portuária chinesa com modelos urbanos exóticos à tradição urbana chinesa.

Com a vitória do Partido Comunista Chinês sobre os nacionalistas do Kuomintang na guerra civil em 1949, houve uma inflexão no desenvolvimento urbano da cidade de Xangai. A hegemonia do domínio capitalista foi fundamentalmente invertida pela revolução comunista, inaugurando a fase socialista da cidade que agora passava para o controle direto do comitê central do PCCh em Pequim, perdendo seu status de “cidade administrativa especial”. Nesta fase, a cidade entra em franco declínio, pois o capital estrangeiro foi completamente bloqueado e nacionalizado, reorganizando o sistema econômico, político e social da cidade.

Com a morte do líder Mao Tsé-Tung, a cidade de Xangai, que anteriormente estava à margem dos investimentos governamentais, restabeleceu sua conexão com o mercado internacional e o capital estrangeiro, após a política de reforma e abertura (*gaige kaifang*) adotada pelo governo chinês e liderada por Deng Xiaoping em dezembro de 1978, o que garantiu ao governo municipal xangainês uma maior autonomia em relação ao governo central (FU, 2002, p. 113). Assim, o capital transnacional retornou ao protagonismo na cidade, mas só gerou efeitos perceptíveis quase uma década depois, com a aceleração das mudanças ocorridas através da injeção de capital estatal no lançamento do grande projeto para a região do Pudong na década de 1990, depois de pelo menos 70 anos de especulação em torno da área desde o esquema de Sun Yat-sen, líder da República da China, entre 1918 e 1924, que previa a instalação de um grande porto para a região como parte do plano *Great Port of Pudong* de 1919. Desta forma, o atual *skyline* de Xangai é resultado direto dos investimentos do Estado como peça-chave para entender o processo de *image-making*³ em torno do Pudong na atualidade.

A política de reforma e abertura de Deng Xiaoping para a República Popular da China foi consolidada através da nova Constituição de 1982, que sofreu emendas e foi detalhada através de uma série de regulações do Conselho de Estado a partir de 1988. Neste período, toda a terra urbana foi declarada como propriedade do Estado, enquanto a terra na área rural foi instituída como propriedade dos coletivos, ainda segundo a mesma constituição. Mas, com a abertura econômica, o direito de uso sobre uma parcela da terra urbana pôde ser transferido⁴, através do governo local, para uso próprio ou para ser arrendado, por período de até 75 anos, para os desenvolvedores locais (FRIEDMANN, 2005, p. 106).

³ Xangai é o grande laboratório de experimentações urbanas na China continental, as reformas e o *image-making* em torno do Distrito Comercial e de Negócios (CBDs) foram primeiro testados em Xangai e, depois, seguidos por Pequim, que é uma cidade bem mais controlada e museificada que Xangai. Em seguida, além de Pequim, outras cidades chinesas acompanharam o modelo Xangai desde que foi feito o *Lujiazui Business District*, segundo Shepard (2015), Pequim e Guangzhou foram as primeiras a revelar planos que seguiam a cartilha posta em prática em Xangai, mas muitas outras passaram a emular o modelo Pudong, dando início à epidemia de construção de cidades, todas elas com pelo menos um CBD em seus planos, das quais muitas sequer tinham demanda (nem população) para mantê-los.

⁴ O processo de transferência de terra precisa oficialmente de três níveis de aprovação pelo Estado, mas extraoficialmente costuma ocorrer mediante pagamento de propina (conhecido como *guanxi*, um tipo de negociação cara a cara), o que garante que novas escolas, hospitais, creches e outros empreendimentos sejam feitos em terrenos comprados do governo local e comercializados no mercado paralelo (FRIEDMANN, 2005, p. 106).

A partir da emenda aprovada em 1988, o governo flexibilizou ainda mais a transferência do direito de uso do solo. Como parte do contrato de arrendamento do direito de uso do solo, as companhias de desenvolvimento imobiliário que adquiriram o direito de construir eram obrigadas a limpar o terreno, fazer a terraplanagem e colocar a infraestrutura apropriada para dar suporte tanto a projetos estatais quanto privados. Desta forma, todos se beneficiaram com o arrendamento e as transferências de direitos de uso do solo urbano chinês. A urbanização chinesa dos últimos 30 anos é resultado direto destas iniciativas estatais que ainda têm efeito na atualidade.

Ainda a partir dos anos 1980, quaisquer áreas rurais poderiam ser anexadas ao centro metropolitano mais próximo com uma simples modificação do *status* de rural para urbano. Isso explica porque não só a área do Pudong, antes uma área rural, pôde ser anexada à municipalidade de Xangai, mas também várias outras áreas rurais em torno da cidade, tornando-a uma grande municipalidade. Como consequência da facilidade do processo de anexação de áreas rurais ao território de Xangai, a municipalidade passou a administrar uma área de cerca de 6.300km² em 2018, mais de quatro vezes a área do município de São Paulo.

XANGAI, A “CABEÇA DO DRAGÃO”

Após a estratégica modificação da Constituição em 1988, que tornou mais fácil a transferência de terras públicas rurais para a jurisdição de grandes centros urbanos adjacentes, o próximo passo do governo, em direção a tornar Xangai um modelo urbano do desenvolvimento econômico chinês, foi declarar que a cidade seria a “cabeça do dragão”, cuja tarefa era “impulsionar a China adiante”, segundo as palavras do então líder do PCCh, Deng Xiaoping, em visita a Xangai em 1990.

A região do Pudong foi então dividida entre zonas de desenvolvimento, sendo a mais importante (e espetacular) delas o centro financeiro de Lujiazui, criado pelos chineses para atrair fluxos de capitais estrangeiros, que iniciou uma série de colaborações com consultorias internacionais para o planejamento urbano.

Muitos dos grandes nomes do *star system* da arquitetura mundial participaram do concurso deste que viria a ser o “novo símbolo” da “nova Xangai”, inaugurando as grandes e estruturantes reformas que iriam modificar drasticamente a imagem, os costumes e os modos de vida da cidade.

Assim, entre 1988 e 1998, mais de 9 milhões de metros quadrados do tecido urbano antigo de Xangai foram demolidos e, nos quatro anos seguintes, quase 50 milhões de metros quadrados de bairros antigos foram demolidos para dar lugar aos novos empreendimentos (Figura 1). Em menos de 14 anos, a voracidade do crescimento devastador da cidade

Figura 1: Demolições em curso no centro da cidade de Xangai. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.



⁵ O *hukou* é um sistema de registro e controle de fluxo populacional. Cada cidadão é registrado na zona onde nasceu e pode perder direitos básicos de acesso à educação ou à saúde caso migre para uma outra zona, seja ela rural ou urbana.

⁶ Desta agência, foi criado o grupo liderado por Joseph Belmont, uma das figuras-chave responsável pelos grandes projetos parisienses, incluindo o *Grande Arch* em *La Défense* e a pirâmide do Louvre de Paris de I. M. Pei (CAMPANELLA, 2008, p. 72).

desmanchou uma área inteira equivalente a Veneza. O impacto humano desta extensa reorganização espacial resultou na relocação, em apenas dois anos, de mais de 200.000 famílias, quase 640.000 pessoas, o equivalente à população da cidade de Baltimore na época (CAMPANELLA, 2008, p. 146).

Por outro lado, a migração campo-cidade e as reformas econômicas da década de 1980 resultaram em um fluxo constante de migrantes rurais para as grandes cidades chinesas que entravam para as estatísticas como “população flutuante” (*liudong renkou*), pois, em geral, eram advindos de áreas e vilarejos e não tinham o registro *hukou*⁵ “urbano”. A migração campo-cidade passou a ser significativa em Xangai após a década de 1990, quando as restrições do *hukou* passaram a ser flexibilizadas; somente Xangai recebeu 500.000 trabalhadores do campo em 1984, mas este número cresceu para quase 4 milhões de imigrantes no ano de 2000 (CAMPANELLA, 2008, p. 181), o que equivale a quase um terço da população total da cidade no começo do século XXI.



Figura 2: O modelo urbano em formação em Xangai, materializado no Pudong, avistado das ruas da cidade velha.

PUDONG: O “MILAGRE CHINÊS”

Desde o período em que os estrangeiros ocupavam as concessões europeias em Xangai, líderes chineses enxergavam a Concessão Francesa como um modelo de gestão municipal a ser seguido, já que o governo anglo-americano da concessão inglesa era mais liberal e descentralizado. Esta antiga relação foi então retomada com uma parceria entre a agência de planejamento público urbano francês, o *Institut d'Aménagement et d'Urbanisme de la Région Île-de-France* (IAURIF),⁶ e o novo prefeito da cidade de Xangai, Zhu Rongji, em 1985. O plano de Zhu era convocar uma consultoria internacional capaz de atrair a atenção da mídia para a cidade, formalizando a colaboração sino-francesa para prestar consultoria ao projeto urbano de Lujiazui na região do Pudong (Figura 2). A decisão de contratar uma consultoria em vez de ter uma competição aberta deveu-se à preferência do Partido Comunista Chinês (PCCh) em permanecer no controle total do processo de desenvolvimento dos projetos que seriam feitos. Desta forma, os oficiais do partido puderam escolher dentre várias propostas ao invés de se comprometerem com apenas a proposta vencedora.

Foram apresentados oito arquitetos que poderiam vir a participar da consultoria – Renzo Piano, Massimiliano Fuksas, Richard Rogers, Norman Foster, Toyo Ito, Kazuo Shinohara, Dominique Perrault e Jean Nouvel – e, desta lista inicial, os oficiais escolheram quatro, Ito, Fuksas, Perrault e Rogers, que visitaram Xangai em 1992 e retornaram meses depois para apresentarem suas propostas. Enquanto isso, equipes de demolição nivelavam o terreno e fizeram *tabula rasa* das vilas de Pudong (que, na época, já contava com quase 1 milhão de habitantes entre imigrantes e refugiados), gentrificando a área para o megaprojeto-espetacular de Lujiazui.



Figura 3: *Pearl Tv Tower*, na *Century Avenue* em Xangai. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor



Figura 4: Maquete da cidade de Xangai, que fica exposta no Museu de Urbanização de Xangai. Ênfase para a *Century Avenue* no topo da imagem. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.

⁷ A Pearl Tower ou Oriental Pearl foi o edifício mais alto da China entre 1994-2007 (GREENSPAN, 2014). A estrutura pretendia ser o “símbolo do futuro”, mas, na verdade, é um grande “obelisco reluzente”, já que a tecnologia usada para transmissão de mídia é remanescente de um sistema soviético antigo, fazendo da torre uma estrutura mais adaptada para a realidade da televisão na década de 1960 do que 1990 (CAMPANELLA, 2008, p. 75). A forma do edifício é basicamente um tripé que sustenta uma esfera com um espigão que sobe em direção ao céu, coberto por uma parafernália luminescente que pisca e “dança” no ritmo das músicas que tocam na escadaria da bilheteria.

⁸ Tradução nossa do original: “park visitors are reminded that local law prohibits “patients with mental or infectious disease or improperly dressed persons from entering the Park” (CAMPANELLA, 2008, p. 80).

O primeiro prédio a ficar pronto foi uma imensa torre de rádio e tv conhecida como “*The Pearl of the Orient*”⁷ (Figura 3), projetada por um time de arquitetos e engenheiros chineses do *Shanghai East China Institute of Architectural Design* (CAMPANELLA, 2008, p. 73), sendo uma das atrações turísticas mais visitadas da China ainda hoje. A torre tornou-se rapidamente um símbolo da cidade e das ambições urbanísticas chinesas, a estrutura é conhecida como “Torre Eiffel de Xangai” e fica evidente através das miniaturas e chaveiros que são vendidos para turistas, a exemplo do que acontece com a Torre Eiffel de Paris.

De todos os projetos elaborados para Lujiazui, nenhum foi considerado “vencedor”, o partido terminou por escolher uma proposta “mista” englobando as ideias que melhor se adaptavam à imagem que pretendia vender e ordenou que o projeto “otimizado” fosse desenvolvido pelo time de arquitetos chineses do *Shanghai Urban Planning and Design Institute* (CAMPANELLA, 2008, p. 79). Não houve participação pública na elaboração do projeto e os habitantes da região do Pudong foram relocados para regiões distantes e até mesmo para outras cidades, vilas e distritos menores.

Os franceses deram consultoria para a construção da principal avenida de Pudong, a *Century Avenue* (Figura 4), um grande *boulevard* que começa na *Pearl Tv Tower* e termina em um grande parque público, o *Century Park*, que permanece a maior parte do tempo vazio, onde, na entrada, lê-se “pacientes com doença mental ou infecciosa ou pessoa inadequadamente vestida serão proibidos de entrar no parque”⁸ (CAMPANELLA, 2008, p. 80). A *Century Avenue* foi pensada à imagem e semelhança da *Champs-Élysées* de Paris e,



Figura 5: Vista do Pudong durante a noite e o espetáculo luminoso proporcionado pelo Estado até as 23 horas. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.



Figura 6: Passarela de pedestres sobre anel viário na Century Avenue de Xangai. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.

⁹ Ao ser designado o desenho da Century Avenue, Charpentier argumentou que a avenida deveria ter um traçado inteiramente novo, e diferente da parisiense, e não mais uma Champs-Élysées. Mas, segundo Greenspan (2014, p. 30), a avenida chinesa tem exatamente um metro a mais que a parisiense, com pouco ou nenhum comércio no nível do pedestre, e foi pensada para carros e não para pessoas.

mesmo que o arquiteto francês Jean-Marie Charpentier negue,⁹ o desenho guarda proporções e perspectivas que remetem à famosa avenida francesa, com alguns pequenos “ajustes” por conta da escala monumental, pensada para impressionar a distância, do céu ou do alto dos arranha-céus de Pudong (Figuras 5 e 6).

A “competição” para o projeto de Lujiazui foi uma das mais divulgadas em meados da década de 1990 e sua concepção tem por objetivo o enaltecimento do poder e da capacidade do Partido Comunista Chinês (PCCh) em construir uma megalópole moderna sob um “socialismo com características chinesas”, ao injetar capital estatal ainda hoje na sua conformação urbana (FU, 2002, p. 113), fazendo com que a cidade pudesse competir com cidades como Hong Kong, Cingapura e outras, não só na Ásia como no mundo. Mas, então, podemos nos perguntar aqui o mesmo que Otilia Arantes no seu livro *Chai-na*, de 2011: “o que há de errado com Xangai?” (ARANTES, 2011, p. 159). Por que muitos economistas relatam preocupação com sua aparente pujança econômica? Seria o skyline de Xangai um rebatimento coerente da situação econômica e financeira chinesa, ou um mero embuste?

Segundo Arantes, quando Xangai passa a ser considerada também uma ZEE, como as cidades do Delta do Rio Pérola, e, ao mesmo tempo, a consumir bilhões de *yuans* na sua expansão, especialmente no Pudong, todo o crescimento econômico que acompanhou esse processo teria resultado de uma espoliação das camadas sociais menos privilegiadas.

Não apenas Xangai, mas todo crescimento chinês e as modernizações urbanas que o acompanharam teriam sido resultado de uma espoliação

muito especial, seja através da transferência de renda extraída de camadas sociais underprivileged, seja através de taxaço dos vários tipos de negócios e arranjos empresariais situados na imensidão da China rural [...] são estes últimos os responsáveis pelo boom dos anos 80/90, e que ainda continuam a sustentar boa parte destes centros literalmente “inventados” e superlativamente concentrados em Xangai (ARANTES, 2011, p. 160).

A mudança da política da “venda” de terras rurais (novo “negócio da China”) e a possibilidade de anexá-las às municipalidades impulsionaram a urbanização chinesa e, principalmente, a de Xangai que teve seu território ampliado, possibilitando novos empreendimentos e grandes projetos. Como a maioria dos habitantes da área de Pudong era composta de população flutuante, sem registro de moradia ou com *hukou* rural, não entravam para as estatísticas como população “oficial” da cidade, desta forma, mesmo depois da gentrificação e construção da torre de tv, a área do Pudong foi considerada uma “cidade fantasma” (SHEPARD, 2015, p. 202) por repórteres, principalmente os estrangeiros, que viam o centro financeiro pronto, mas “vazio de gente”. Este problema social de invisibilidade da população flutuante fica ainda mais evidente se comparado ao aumento da população da cidade. Em 1990, o censo indicava uma população de 7.834.800 pessoas e, em 1997, este número passa para 10.185.900 pessoas em números oficiais (LI; WU, 2002, p. 26).

¹⁰ Análise feita pelo professor do MIT, Yasheng Huang, segundo quem o “Potemkinismo chinês” seria o conjunto de cidades e fachadas confeccionadas de modo a distorcer e idealizar a realidade (HUANG, 2008).

¹¹ A fabricação de consensos em torno do crescimento a qualquer preço é peça-chave para instaurar uma situação de mobilização competitiva permanente para a batalha com as cidades concorrentes. As cidades hoje são como fábrica de ideologias, de territórios, de comunidade, do civismo, etc.

Segundo Arantes, Xangai pouco produz riqueza real se a analisarmos macroeconomicamente, mas é um grande centro de consumo e possui diversas sedes de grandes empresas multinacionais fazendo do Centro Financeiro de Pudong e do Centro de Alta Tecnologia uma espécie de “bem arquitetadas farsas” que, “por entre tantos simulacros e fachadas”, “no fundo nada mais seria do que uma gigantesca cidade *Potemkin*¹⁰ – em suma, mero cenário” (ARANTES, 2011, p. 162).

É precisamente esta a estratégia do PCCh ao forjar um cenário de sucesso e vender a ideia de “modernidade” que pretende aplicar às demais cidades do país e, principalmente, indicar como irá dispor das cidades ao passo que se torne um credor em nível internacional. Além disso, a estratégia retórica da construção de um paradigma urbano tem como objetivo a promoção de uma cidade como atrativa para investimento de capital de maneira ampliada e, em geral, este tipo de teatro costuma envolver os espaços urbanos citadinos e interferir inevitavelmente nos modos de vida dos moradores. No caso chinês, o estabelecimento do consenso¹¹ em torno do “sucesso” de Xangai tem um objetivo econômico duplo – vender este consenso como motor de arranque para continuar seu projeto de modernização da China através de investimentos internos na urbanização do país e se tornar referência externa capaz de engendrar modernizações em outros contextos além-fronteiras atraindo mais investimentos externos para o país.

Portanto, criar um consenso quanto ao “sucesso” de Xangai é precisamente a intenção atual do Partido Comunista Chinês, a fim de manter o seu capitalismo de Estado através da urbanização. Ainda segundo Arantes (2011), a análise feita pelo economista Yasheng Huang do crescimento urbano de Xangai indica que ele é sobretudo “político”. Huang ainda o compara ao

“desenvolvimentismo” de regimes centralizados e autoritários, ligados em sua maioria a “grandes obras superdimensionadas de infraestrutura, paraíso das empreiteiras, gigantismo dos anéis burocráticos de negócios” (HUANG, 2008 apud ARANTES, 2011, p. 164). O modelo Xangai, sob o ponto de vista de Huang, é um embuste, uma farsa, já que a “evidência visual” que busca garantir o status de Xangai como “milagre” é apontada pelo autor como resultado de uma “miragem” que ainda não pode ser demonstrada economicamente.

Após a abertura econômica liderada por Deng Xiaoping, o crescimento chinês realizado pelas modernizações urbanas pode ser identificado em Xangai, que reúne todas as características encontradas nos arranjos empresariais na urbanização chinesa desde que era majoritariamente rural. Atualmente, o crescimento entre as décadas de 1980 e 1990 ainda sustenta boa parte dos centros financeiros construídos pelo interior do país, feitos à imagem e semelhança do Centro Empresarial de Pudong, de maneira que tanto as fachadas reluzentes de Xangai quanto as cidades repletas de centros financeiros inúteis, sem sentido e esvaziados, seriam, portanto, também um fruto de um simulacro, um mero cenário proporcionado pelo PCCh e Huang ainda completa nossa afirmação: “Se a economia chinesa tropeçar, os futuros historiadores olharão para trás, para a estonteante elevação de arranha-céus em meio aos antigos arrozais de Pudong, como um sinal de alarme que passou despercebido para quase todo mundo” (HUANG, 2008, p. 231 apud ARANTES, 2011, p. 159-160).

No entanto, a profusão de centros financeiros nas novas cidades do interior da China é um fenômeno recente. Até a década de 1990, quando o governo começou a construção seriada de novas cidades, não existiam centros financeiros na China (SHEPARD, 2015, p. 136). Mas quando Xangai começou a desenvolver o *Lujiazui Business District*, em Pudong, outras cidades grandes como Pequim e Guangzhou começaram a seguir seu “sucesso”. Este movimento desenvolvimentista continuou emulando o exemplo de Pudong e engendrou uma epidemia de centros financeiros como vetor de crescimento para cidades pequenas. Isto gerou alguns problemas sociais e urbanos, pois estas pequenas cidades não apresentavam uma demanda real para ter centros financeiros, nem o capital para construí-los e, muito menos, para mantê-los funcionando.

Foi feito um levantamento sobre a quantidade de centros financeiros pela China que revelou projetos em andamento para 36 novos centros em 2003 (SHEPARD, 2015, p. 135). A competição por investimentos transformou a construção de centros financeiros em um objetivo para as cidades menores no interior da China que seguiram o “Modelo Xangai” com o intuito de se tornarem relevantes no contexto nacional.

O próprio centro financeiro de Lujiazui, em Pudong, permaneceu estagnado com uma taxa de menos de 30% de ocupação mesmo anos depois de construído, mas as autoridades da cidade não chegaram a se preocupar. Na primeira oportunidade, obrigaram bancos e estatais chinesas a mudarem suas sedes para os novos arranha-céus que estavam aguardando ocupação. E foi assim que o Lujiazui, no Pudong, se tornou um dos centros financeiros mais

Figura 8: Arranha-céus na *Century Avenue*, a torre central é a *Jin Mao Tower*, que, ironicamente, foi desenhada por uma firma americana e pensada para simular a forma do *Kaifang* (legendário pagode chinês). Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.



Figura 7: Passeio público na orla do Bund Antigo em Xangai. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.



¹² Tradução nossa do original: "Shanghai's central business district (CBD) in Pudong sat stagnant with less than a 30 per cent occupancy rate for years after it was built, but the city's officials didn't worry. They knew they had their finger on very powerful switch; when the time came they flicked it and forced state-owned banks to move their headquarters across the Huangpu River into the new skyscrapers that were awaiting them. Pudong is now one of the most vibrant and powerful CBDs on the planet and is the model for new business districts across China." (SHEPARD, 2015, p. 77).

vibrantes e poderosos do planeta, sendo o modelo para as novas áreas de negócios em toda a China¹² (SHEPARD, 2015, p. 77). Converter Xangai em um centro internacional econômico e financeiro tem sido a meta principal do PCCh desde o final do século XX. A descentralização do poder estatal, as mudanças nas leis que regulamentam o direito do uso do solo e a nova regulação que incentiva o investimento de capital estrangeiro aceleraram ainda mais o processo de transformação da cidade. Após a consolidação da área de Pudong e construção dos arranha-céus de Lujiazui, era clara a intenção do Partido Comunista Chinês de superar o impacto que o *Bund* (Figura 7) havia causado na década de 1930. Assim, o programa que envolvia a construção do primeiro arranha-céu que acompanharia a torre de tv (a *Pearl Tower*) deveria ser tipicamente chinês, mas o edifício *Jin Mao Tower* (Figura 8) foi ironicamente desenhado por uma firma americana e pensado para simular a forma de um pagode chinês legendário, o *Kaifang*.

O Lujiazui foi o responsável pela promoção da cidade em nível global, mas não é só a área do Pudong que lidera as estratégias do governo na venda da imagem da cidade, o antigo bairro de Xintiandi foi o principal alvo (em escala local) da lógica preservacionista e homogeneizante da gestão urbana/cultural da cidade.

O maior exemplo de um planejamento estratégico com foco na venda da cultura como principal vetor de "revitalização" urbana em Xangai é o projeto para o bairro de Xintiandi, com inauguração da primeira fase em 2001, sob o nome *Shanghai's Xintiandi Shopping District* (CAMPANELLA, 2008, p. 275).



Figura 9: Fachada de um *shikùmen* em uma área não revitalizada no centro de Xangai. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.

¹³ Boa parte das habitações típicas de Xangai, os *shikùmen* (uma casa com portal de pedra, resultado da hibridização entre a arquitetura imperialista ocidental e a organização espacial das ruas estreitas chinesas do século XIX), que antes abrigavam quase 80% da população xangainesa, foram praticamente todos destruídos na década de 1990.

“XINTIANDIZAR”: O VERBO DA VEZ NO URBANISMO CHINÊS

Nas últimas décadas, o verbo “*xintiandizar*” se tornou mandatário em qualquer novo projeto urbano realizado na China continental, seja ele pensado para Xangai ou não. Palavra de ordem em qualquer processo de “revitalização” e diretriz incontornável a qualquer construtor ou empreiteiro chinês que busque replicar o “sucesso” de Xangai em seus empreendimentos, sejam eles bairros ou cidades novas espalhadas pela China continental.

Patrimonialização, museificação, gentrificação e turistificação são partes dos processos de espetacularização urbana contemporâneos, em que “imagens se tornaram, em certo sentido, mercadorias” (HARVEY, 1992, p. 260). Esses processos de *branding* urbano não chegam a ser uma novidade na experiência ocidental com as estratégias de *marketing* urbano em torno da cultura, mas, no contexto de Xangai, o projeto de Xintiandi foi pioneiro. Seu idealizador, Vicent Lo, contratou o arquiteto americano Benjamin Wood para elaborar o projeto que, apesar de

supostamente preservar edificações históricas, não fugiu da prática de *tabula rasa* que vem sendo feita da arquitetura vernacular da China.¹³

O projeto de Wood não foi muito diferente, apesar de convencer Vicent Lo de que os *shikùmen* (Figura 9) não eram habitações sujas e pobres que atrapalhavam o futuro do seu empreendimento, ele inverteu a lógica usando-os como símbolo das revitalizações, legitimando a gentrificação da área em nome da preservação da “cultura arquitetônica” local, relocando quase 4 mil pessoas em números oficiais.

A grande virada em relação a muitos casos ocidentais é que as leis de preservação e restauro na China não são restritivas, muitos templos são demolidos e reconstruídos do zero ao invés de serem restaurados, porque os chineses tradicionalmente conservam a técnica e não o objeto em si, de forma que o arquiteto americano pôde seletivamente remover estruturas para dar mais espaço e restaurar apenas aquelas mais “icônicas” (como o edifício em que foi fundado o Partido Comunista Chinês), responsáveis por atrair muitos turistas, principalmente do interior do país, tornando o “novo bairro” de Xintiandi um verdadeiro negócio da China, uma versão gentrificada e espetacular do bairro, um simulacro do passado urbano popular, substituído por shoppings, cafés, butiques e *pubs*, que retornaram esta velha parte da cidade aos xangaineses, mas, em especial, àqueles que podem pagar por ela.

Este tipo de intervenção rendeu a Wood várias encomendas para “*xintiandizar*” outros espaços urbanos na China. Assim como o sucesso de Baltimore foi sintetizado pelo planejamento estratégico na cidade-máquina-de-crescimento



Figura 10: Edifícios históricos e pastiches artificialmente arranjados em torno de uma praça em Xintiandi. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.



Figura 11: Vista da versão gentrificada e espetacular do bairro de Xintiandi. Fotografia do autor (2015). Acervo do autor.

empresarial (*growth machine* americana), mais de 20 cidades chinesas convidaram oficialmente Lo e Wood para desenvolver projetos similares, e tantas outras, literalmente indiscriminadamente, copiaram o modelo de sucesso ao redor do país.

Assim como um DVD pirata, a ideia de Xintiandi foi copiada em torno da China; até mesmo o nome passou a ser usado como um descritor geral, bem como “feira da cidade”. Quase toda grande cidade chinesa agora tem um bairro-patrimônio ao estilo Xintiandi, seja em funcionamento, seja planejado ou em vias de construção (CAMPANELLA, 2008, p. 279).

Na cidade de Nanquim uma área cheia de prédios antigos da fase do governo nacionalista foi alvo de um projeto historicista chamado “1912”, em referência à fundação da República por Sun Yat-sen, composto por diversos edifícios construídos como “falsos históricos” indistinguíveis dos remanescentes, todos revitalizados para se tornarem cafés, shoppings, etc. Na cidade de Dalian, construtores ergueram um bairro inteiramente novo e chamaram-no de distrito histórico com mesmo nome (Xintiandi), que conta com edifícios artificialmente arranjados em torno de uma praça (CAMPANELLA, 2008, p. 279) (Figuras 10 e 11).

Assim, tanto o distrito financeiro de Lujiazui e seus arranha-céus delirantes quanto o “antigo” bairro patrimonializado de Xintiandi são faces da mesma moeda de troca do mercado na nova fase do capitalismo informacional – a espetacularização urbana contemporânea – e integram a construção e venda da nova imagem da cidade de Xangai, sendo ambos partes do simulacro engendrado para os turistas e investidores internacionais atraídos pelo “milagre chinês” que o cenário criado em torno da cidade pretende vender.

A manipulação da opinião pública pela mídia (censurada e regulada pelo Partido Comunista Chinês) se dá através do *softpower* de campanhas publicitárias e midiáticas, para que a cidade retome a importância que teve na fase em que os europeus ocupavam as concessões. Um dos exemplos do tipo de mídia que tem sido vinculada nas televisões e canais exclusivos como o Youku (o equivalente chinês do YouTube) é o vídeo *Shanghai, City of Inspiration*, um vídeo que fica em *loop* repetindo à exaustão em um enorme

telão no “museu” da urbanização da cidade, o *Shanghai Urban Planning Exhibition Hall*, que foi construído na Praça do Povo. Fica clara a intenção de colocar a cidade no topo do ranking das cidades-mercadoria para dividirem a fatia da multimilionária indústria do turismo.¹⁴

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das colocações e análises acima, vemos que o governo chinês se esforça para manter o postulado de Deng Xiaoping e preservar o ritmo condizente com a intenção inicial de “ter uma nova cara a cada ano, e mudanças profundas a cada três”. As estratégias do Estado chinês constituem uma máquina de urbanização com altos custos para a qualidade de vida e a qualidade ambiental, mostrando um descompasso com a tradicional forma de urbanização chinesa baseada no *feng shui* e nos princípios de equilíbrio e harmonia.

O arrendamento de terras públicas em Pudong trouxe um lucro de 190 milhões de dólares somente entre 1990-1995 e grande parte deste montante foi investido em infraestrutura e melhorias do distrito para torná-lo ainda mais atraente para desenvolvedores.

Assim, o desenvolvimento do Pudong pode ser dividido em três fases: a primeira (1990-1995) marcada pela construção de duas pontes e planos e projetos urbanos; a segunda (1996-2000), pela construção do aeroporto internacional e um anel rodoviário circular e da linha de metrô que liga Pudong a Puxi desde o ano 2000 e a terceira (2000-2030), com foco na construção de mais infraestrutura e mais arranha-céus, além das novas cidades-satélites garantindo o espraiamento e o desadensamento desta cidade-megalópole.

O governo de Xangai hoje se orgulha de ter mais de 4 mil arranha-céus (duas vezes mais que a cidade de Nova York) e de ser a cidade que mais cresce no país. Os arranha-céus da área do Pudong são o símbolo do dinamismo econômico que o país pretende para o futuro. Como os xangaineses costumam falar: “se Xangai está conduzindo a economia chinesa, Pudong está conduzindo Xangai”.

Pode-se dizer, em conclusão, que, de forma inversa ao que ocorre na experiência de muitos países do mundo com o desmonte do Estado (que vem perdendo o controle central das decisões urbanísticas) dentro do já denunciado processo de *city marketing* envolto nas ações do planejamento estratégico, o que vemos na China é um híbrido do processo, que une o aparelho de Estado e a flexibilização das leis para que os governos locais chineses possam vender o direito de uso do solo e ambos lucrem com o processo. Este processo híbrido remonta ainda ao funcionamento de países supostamente democráticos que vivem o atual processo de “Estado de Exceção”, onde são suspensos temporariamente as leis e os direitos dos cidadãos para legitimar tomadas de decisões emergenciais. Podemos aqui fazer uma comparação ao que acontece na China, que parece estar sempre em Estado de Exceção, ou melhor, que demonstra não existir para eles um Estado de Exceção, mas sim um “excesso de Estado”.

¹⁴ Seguindo o modelo americano de cidade-emprego, a exemplo das reformas de Baltimore entre 1960-1970, que passou a atrair 22 milhões de turistas por ano, dos quais 7 milhões são estrangeiros, cifras comparáveis à Disneylândia na época (HALL, 2013, p. 415). Da mesma forma, é esperado o lançamento da Disney Resort Xangai, na região nova do Pudong que, como não poderia deixar de ser, será a maior Disneylândia do mundo, além do *Shanghai Disney Park*, um parque temático-emprego que será aproximadamente três vezes maior do que o de Hong Kong e terá o maior castelo da Disney, com direito a detalhes da arquitetura local e hotéis que oferecerão a opção da entrega das compras feitas nos parques diretamente no quarto do hotel. Disneylândia agora também é um bom e lucrativo Negócio da China. Ver: <https://www.shanghaidisneyresort.com/en/>. Acesso em: 19 out. 2015.

Através da análise do discurso chinês, identificamos como este novo regime urbanístico opera na formação do “Modelo Xangai” e pode explicar a hiperurbanização chinesa dentro e fora do contexto excepcional das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) criadas por Deng Xiaoping para testar seu modelo de desenvolvimento urbano acelerado. Pudong se tornou então o protótipo para o desenvolvimento do resto da cidade de Xangai na sua corrida por se transformar em uma capital mundial, e a urbanização xangainesa se tornou um “modelo urbano” com características chinesas para nortear o momento da China como nova credora na geopolítica mundial, como planejado pelo Partido Comunista Chinês desde a abertura econômica.

O “Modelo Xangai” engendrado pelo PCCh, além de explicar a hiperurbanização chinesa, denuncia a perigosa dependência da economia mundial deste processo, pelo menos desde 2008, e revela o primeiro modelo urbano asiático replicado em tamanha escala, resultando em inúmeras intervenções urbanísticas espalhadas por todo o território da China continental e constituindo parte fundamental da máquina de urbanização do PCCh. Um modelo urbano feito fora da lógica do capitalismo, já que este modelo urbano de “sucesso” composto pelo Pudong e pelo bairro de Xintiandi resulta diretamente dos esforços do socialismo de mercado com características chinesas.

Esse novo modelo urbano ganha ainda mais força se considerarmos que a China hoje emerge no cenário mundial como uma grande potência política e econômica na disputa pela nova ordem mundial. As iniciativas do PCCh em criar a cidade das ilusões de signos envelopados perpassam não apenas motivos estritamente econômicos, mas também subjetivos e exigem uma ampla crítica ética-estética para tensioná-los, já que sua gênese envolve um novo eixo, em uma nova ordem mundial e, quem sabe, uma possível nova capital mundial neste breve século XXI.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; VAINER, Carlos B.; MARICATO, Ermínia. *A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 11-74.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. *Chai-na*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011. 190p.
- CAMPANELLA, Thomas J. *Concrete Dragon*. China's Urban Revolution and what it means for the world. New York: Princeton Architectural Press, 2008. 336p.
- FRIEDMANN, John. *China's urban transition*. Minneapolis: University of Minnesota, 2005. 196p.
- FU, Zhengji. The State, Capital, and Urban Restructuring in Post-reform Shanghai. In: LOGAN, John R. (Org.). *The New Chinese City: Globalization and Market Reform.*, Oxford: Backwell, 2002, p. 106-120.
- GREENSPAN, Anna. *Shanghai Future*. Modernity Remade. New York: Oxford Press, 2014. 256p.
- HALL, Peter. *Cidades do amanhã: uma história intelectual do planejamento e do projeto urbanos no século XX*. Trad. Pérola de Carvalho, São Paulo: Perspectiva, 2013. 600p.
- HARVEY, David. *Condição Pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 1992. 352p.
- HARVEY, David. *Le capitalisme contre le droit à la ville: néolibéralisme, urbanisation, résistances*. Paris: Éditions Amsterdam, 2011. 93p.

HUANG, Yasheng. *Capitalism with Chinese Characteristics*. Entrepreneurship and the State. New York, Cambridge University Press, 2008. 366p.

LI, Taibin; WU, Duo. The Present Situation and Prospective Development of the Shanghai Urban Community. In: LOGAN, John R. (Org.). *The New Chinese City: Globalization and Market Reform*. Oxford: Backwell, 2002, p. 22-36.

SHANGAI Disney Resort. Disponível em: <https://www.shanghaidisneyresort.com/en/>. Acesso em: 19 out. 2015.

SHEPARD, Wade. *Ghost cities of China: the history of cities without people in the world's most populated country*. London: Zed Books Ltd, 2015. 192p.

Nota do Autor

Este artigo foi redigido no âmbito da dissertação de mestrado desenvolvida pelo autor, orientada por Pasqualino Romano Magnavita, e intitulada “Xangai e o devir urbano chinês: das cidades do meio do mundo às ruínas do futuro”.

O projeto foi desenvolvido dentro do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – PPG-AU FAUFBA, e fomentado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

As imagens presentes nesse artigo são do autor e foram produzidas em visita realizada à cidade de Xangai no ano de 2015. As referências a ruas e praças seguem denominação levantada no mesmo ano.

Nota do Editor

Data de submissão: 01/11/2017

Aprovação: 05/06/2018

Revisão: Arlete da Silva Castro

Tiago Schultz Cortes Freire Ramos

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia.
tiago.schultz@gmail.com